

**CORPO E DITADURA EM *CIENCIAS MORALES*:
CONSTRUÇÕES E MICROPOLÍTICAS QUE SOBREVIVEM**

Inês Skrepetz

*Minha política é meu corpo,
provendo e se expandindo com
cada ato de resistência e com cada
um de meus fracassos.*
Adrienne Rich

Ciencias morales é narrado em terceira pessoa por um narrador a princípio “onisciente”, que explora as sutilezas dos personagens. No decorrer da trama, ele analisará a vida íntima da personagem principal: Maria Teresa, uma jovem de cerca de vinte anos que consegue o seu primeiro emprego no Colégio Nacional de Buenos Aires.

Essa obra capta a atmosfera da crise da ditadura argentina – que culminou com a Guerra das Malvinas - e o fim do período ditatorial em 1982-83. A maior parte da história se passa dentro do colégio, com poucos cenários externos, e essa narrativa possui um diálogo bem marcado com a obra *Juvenilia* de Miguel Cané (1884), cuja história também se passa na mesma instituição de ensino, na Argentina. Existe, porém, a diferença de que a obra de Cané é escrita a partir das experiências vividas pelo escritor nesse colégio, enquanto a narrativa de *Ciencias morales* não lança suas âncoras no plano autobiográfico do autor. Por mais que Kohan tenha estudado nesse local, na época da ditadura, a narrativa não absorve diretamente a experiência de sua infância; podemos dizer, mais precisamente, que *Ciencias morales* é permeada por fragmentos de uma memória da infância que ultrapassa a descrição e, a própria abordagem da ditadura, longe de ser temática, elabora artisticamente esses “cacos de lembranças” com uma aguda análise, que até podemos aproximá-la de uma análise *foucaultiana*. Nesse caso, transcrita literariamente, a partir das relações de saber e poder e de uma educação condicionada que fora forjada em *tempos oscuros* para melhor formatar corpos e manipular mentes.

É interessante percebermos que a narrativa de *Ciencias morales* não busca reconstruir os contextos vividos na época do *Proceso de Reorganización Nacional*, por isso foge a toda e qualquer classificação de romance histórico e/ou político tradicional, mesmo assim não renunciam os fatores políticos e históricos, no sentido de que interrogam e questionam o passado recente e a memória.

Na obra *Em defesa da sociedade*, nesse registro dos cursos ministrados no ano de 1976, Foucault retoma várias questões que perpassam alguns dos seus “ditos e escritos”, entre elas: soberania e obediência. Na visão de Foucault, para desvendar e trazer a tona outras realidades, as perguntas também devem ser outras:

Portanto, não: por que certas pessoas querem dominar? O que elas procuram? Qual é sua estratégia de conjunto? E sim: como as coisas acontecem no momento mesmo, no nível na altura do procedimento de sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos. Noutros termos, em vez de perguntar-se como o soberano aparece no alto, procurar saber

como se constituíram pouco a pouco, progressivamente, realmente, materialmente os súditos, o súdito, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 33).

Nessa perspectiva, a obra em foco não explora a extensão macro do poder autocrático, senão “as coisas menores”, o cotidiano, as tessituras do conhecimento, bem como suas teias emaranhadas que são armadas para capturar mentes (e corpos) e modelá-los conforme o desejo de um sistema que visa uma educação condicionada e condicionante. Nas palavras de Foucault, em *Vigiar e punir*: “Para el hombre disciplinado, como para el verdadero creyente, ningún detalle es indiferente, pero no tanto por el sentido que se oculta en él, sino por el punto de apoyo que se encuentra allí el poder que quiere alcanzarlo.” (FOUCAULT in CASTRO, 2011, p. 127). Como enfatiza o personagem, *señor* Biassuto, chefe dos inspetores do Colégio Nacional de Buenos Aires, ironicamente observado pelo narrador de *Ciencias morales*, que o relata em um de seus momentos de “inspiração”, dando os devidos conselhos à María Teresa de que “vigiar é dar atenção a todo e qualquer detalhe”: “[...] la subversión es un cuerpo, pero también es un espíritu. Porque el espíritu sobrevive y alguna vez bien puede reencarnar en un nuevo cuerpo. [...] En este tiempo, y en este colegio [...] es el espíritu de la subversión que nos amenaza.” (KOHAN, 2007, p. 49).

A construção da narrativa de *Ciencias Morales* é tensa, controlada, minuciosa, como se até o corpo textual estivesse impregnado, violado pelo controle ditatorial. Dentro da obra, vale ressaltar, que tudo o que acontece no país, no sentido ‘macro’ do poder autocrático, manifesta-se igualmente no colégio, no sentido micro, e acaba sendo canalizado nos corpos dos personagens. É a ditadura que penetra, invade os corpos, criando a rigidez física e das posturas, e que se infiltra na repressão da sexualidade.

Argentinidade: construções de corpos e a introjeção do olhar vigilante



Imagem do filme *La mirada invisible*¹¹

A personagem principal é María Teresa, inspetora do *tercero décima*, é uma jovem tímida e desprotegida que encontra no *señor* Biasutto, chefe dos inspetores, o modelo a ser seguido. A função de Biasutto é de manter a ordem no colégio, e adverte à María Teresa que a vigilância deve acontecer a todo tempo e em todo lugar: “Una mirada alerta, perfectamente atenta hasta el menor detalle” (KOHAN, 2007, p. 16), e para tanto é

necessário um olhar impenetrável. Para isso, a jovem inspetora aprendera que não era para “olhar sem ver” e sim para ver sem olhar, ou seja, ter sempre um olhar invisível:

Este que va pasando, en el lento progreso del otoño hacia el invierno, es el primer año de María Teresa como preceptora en el colegio. Entró en febrero, cuando todavía hacía calor, tres semanas antes de los exámenes de marzo y seis semanas antes del comienzo del ciclo lectivo. El señor Prefecto la entrevistó en primer término, y decidió su incorporación. Luego el señor Biasutto, jefe de preceptores, en una sola entrevista de no más de quince minutos de duración, le reveló, entre otras pericias, que clase de actitud convenía adoptar para la mejor vigilancia de los alumnos del colegio. No era fácil obtener eso que el señor Biasutto denominó «el punto justo». El punto justo para la mejor vigilancia. Una mirada alerta, perfectamente atenta hasta el menor detalle, serviría sin dudas para que ninguna incorrección, para que ninguna infracción se le escapara. Pero esa mirada tan alerta, por estar alerta precisamente, no podría sino manifestarse, y al tornarse evidente se volvería sin remedio una forma de aviso para los alumnos. El punto justo exigía una mirada a la que nada le pasase inadvertido, pero que pudiese pasar, ella misma, inadvertida. Los profesores lo sabían bien; por eso se ubicaban, al tomar una prueba escrita, contra la pared del fondo del aula: para ver sin ser vistos. El atisbo de reojo delata sin excepción al alumno que alberga alguna intención de copiarse. Los preceptores debían alcanzar esa misma destreza para obtener un sigilo igualmente implacable. No para «mirar sin ver», que es como la frase hecha define al distraído, sino al contrario, para ver sin mirar, para poder verlo todo sin que parezcan estar mirando nada. (KOHAN, 2007, p. 16).

E onde tudo é proibido, tudo pode ser transgressão: algum movimento dos lábios ou do corpo na hora do hino nacional, não estar com o uniforme arrumado (de maneira impecável), tocar mais do que apenas com a ponta dos dedos o corpo do outro colega na hora da fila, ler outros livros que não foram os determinados pelo colégio. É a retomada, o reforço, da própria tradição de ensino perpetuada naquele colégio que agora serve ao aparato ideológico da ditadura, em que a história do colégio e da pátria são indissociáveis, e deságuam no mesmo propósito: disciplinar corpos e corporificar as ciências morais.

Os heróis nacionais, principalmente San Martín, são os exemplos de conduta correta. Há quadros dos heróis nas salas de aula e eles são os “modelos de corpo” a serem seguidos: austeros, “estóicos” e vigilantes – pois os heróis também vigiam os alunos, e o colégio faz com que os alunos sintam-se vigiados pelos “verdadeiros homens da pátria”. Nesse sentido há, em alguns momentos da narrativa, um rompimento com essa atmosfera densa e rígida, que por meio de uma ironia ácida e de uma leve comicidade, manifesta uma crítica mais aguda aos mitos, estereótipos e construções da argentinidade levadas ao extremo. Na visão do sociólogo Luis García Fanlo, na sua análise foucaultiana em *Genealogía de la Argentinidad*:

A este conjunto de saberes y tecnologías de poder que tenían como objetivo reformular el modo y forma de ser de los argentinos lo llamo *patriotismo escolar*, y lo defino como la articulación entre una práctica discursiva (el discurso patriótico) y una no-discursiva (el dispositivo escolar) de la que surge una pedagogía cívica [...]. El patriotismo escolar constituyó una tecnología de saber-poder cuyo único propósito era argentinizar [...]. El patriotismo escolar era producido en la escuela, pero desde allí se

derramaba a toda la red de dispositivos argentinizadores creados por el Estado argentino a principios del siglo XX: cuarteles, familia, fábrica, salud pública, plazas, fuerzas de seguridad, agencias migratorias, arquitectura urbana, **arte, literatura**, teatro y periodismo, constituyendo una verdadera red de poder que atravesaba y capturaba, desde la escuela, al conjunto de la sociedad argentina. (FANLO, 2010, p. 104, grifo meu).

O diálogo intertextual que acontece entre *Ciencias morales* e *Juvenilia* evidencia essa ironia que, juntamente, desmascara as políticas subterrâneas do país desde a época do Presidente Bartolomé Mitre (1863), o fundador do Colégio Nacional de Buenos Aires, mostrando as raízes de um autoritarismo que penetrou a cultura argentina desde suas origens. É a tensão contínua entre memória e corpo, entre educação e cultura.

No entanto, se María Teresa deve ser a guardiã das ciências morais e ter um olhar atento para o seu cumprimento, ela, concomitantemente, também deve introjetá-los, para que possa detectar em todo e qualquer lugar do colégio as “condutas irregulares” dos alunos, pois aos inspetores é dada a incumbência de interferir diante dos atos ditos subversivos. Como ressalta o narrador:

A María Teresa, flamante preceptora, todos estos requerimientos la inducen a revisar, si es que no a corregir, una cualidad muy suya que ha tenido desde siempre, desde que era una niña según sabe decir su madre y según sabía decir su padre, y que es la de quedarse abstraída, dejándose ganar por la más completa distracción. Ahora está aprendiendo en cambio a mantenerse bien atenta, y practica técnicas diversas, físicas o mentales, que le permitan suprimir su viejo hábito de dejarse llevar por las cosas que piensa o por las cosas que ve. Presta atención: lo más que puede y la mayor cantidad de tiempo que puede. (KOHAN, 2007, p. 26).

María Teresa, ao assumir o papel de vigilante, assume também a inexorável *autovigilância*, em que, o poder-saber que atravessa e constrói os corpos dos controlados penetra, juntamente, os corpos dos controladores: María Teresa vigia os alunos e é vigiada pelo señor Biassuto, que é vigiado pelo diretor do colégio, esse que está sob o olhar dos componentes da ditadura e dos “heróis nacionais” e, assim, sucessivamente, em diferentes ordens e escalas, e todos se autovigiam, é o olhar do poder difuso, não localizável, numa silenciosa forma de controle. Nas palavras de Raul Garcia, dentro do pensamento de Foucault: “A través de la docilidad corporal descubierta por la disciplina, el individuo se halló expuesto constantemente a una mirada que vigila todos sus movimientos. Aunque ello presenta una paradoja, pues se trata de una autovigilancia ya que ha interiorizado las propias condiciones de control.” (GARCIA, 2000, p. 100). Nesse enfoque, é ademais o *poder-saber líquido* que invade, penetra e se infiltra, constituindo e reconstituindo os corpos.

Construções e micropolíticas que sobrevivem



Imagem do filme *La mirada invisible*ⁱⁱⁱ

Em seus momentos de devaneios e olhares absortos, María Teresa sente certa estranheza ao observar aqueles corpos enfileirados, tomando distância, percorrendo os corredores, como autômatos que são conduzidos por uma espécie de pré-programação: de onde surgiam esses corpos plastificados, ausentes de sensações e/ou sensibilidades, corpos não-sexualizados, da mesma forma que ela então praticamente se tornara? Que espécie de corpo era esse, que já não era seu esse corpo, tampouco dos jovens alunos, a quem, afinal, esse corpo e/ou esses corpos pertenciam? Na percepção do narrador:

María Teresa frota los lentes de sus anteojos con una pequeña gamuza anaranjada, pero no consigue darles la transparencia que quisiera. Vuelve a ponerse los anteojos y los siente neblinosos. A través de esa leve bruma, que lleva consigo, observa a los alumnos de tercero décima. Le resulta extraño verlos así, formados como siempre, con sus uniformes y sus atenuadas expresiones de siempre, pero fuera del colegio, fuera de los claustros y fuera de las aulas, al aire libre, a la intemperie. Se pierde en una especie de ensueño, hasta que el clamor repartido de un "¡Viva la patria!" la sacude y la despierta. (KOHAN, 2007, p. 96-97).

A partir da reflexão dos estudiosos foucaultianos argentinos, Fanlo (2010) e Garcia (2000), podemos entender que o corpo é uma construção, é como um texto em que se *escrevem e se inscrevem* as leis, a cultura, a história e a política. Os corpos não existem de forma abstrata, eles se encontram inscritos no interior de um conjunto de relações que se articulam com uma ordem social determinada, bem como são inscritos por essas relações e múltiplos discursos que entram em tensão. Para Fanlo: "Si el discurso logra encarnarse entonces producirá sus condiciones de posibilidad y aceptabilidad, y circulará por la red de poder conduciendo conductas." (FANLO, 2010, p. 141). Por essa razão, de acordo com Garcia (2000), o corpo não é algo dado e imutável, concepção que se fez presente, muitas vezes, dentro do imaginário cristão-ocidental, isso é, vinculado a um suposto estado da natureza em dicotomia com os valores que buscam estruturar o social. O corpo, longe de ser um puro dado da biologia, e sim por ser construído e conflitado no contexto das relações sociais, torna-se um ponto de âncora das mais variadas representações, que continuamente o vão refazendo, reconstituindo e desfazendo, ou seja, ele passa por contínuos processos de modelações e modificações.

Na discussão do filósofo Jean-Luc Nancy na obra *Corpus*, em *Extraños cuerpos extraños*, "quem mais no mundo conhece algo como *o corpo*", senão o Ocidente, mais

precisamente o europeu: "Es el producto más tardío, el más largamente decantado, refinado, desmontado y vuelto a montar de nuestra vieja cultura. Si Occidente es una caída, como pretende su nombre, el cuerpo es el último peso, la punta extrema del peso que se vuelca en esta caída." (NANCY, 2003, p. 08).

Assim, podemos perceber em *Ciencias morales*, a agudeza do discurso literário sobre as políticas do corpo, principalmente por essa ter a crise da ditadura como um dos focos da abordagem narrativa. É possível analisar que a ficção de Kohan "desconstrói" o estado mórbido do período ditatorial, que culmina com a Guerra das Malvinas (1982), bem como deixa transparecer as marcas, visíveis e invisíveis, do regime autoritário, bem como sua sobrevivência, na memória e nos corpos após os *tempos sombrios*.

Raul Garcia (2000) em sua obra *Micropolíticas del cuerpo. De la conquista de América a la última dictadura militar*, na Argentina, discute os meios pelos quais se apresentam os aspectos do biopoder na memória e no controle do corpo. Nas palavras de Garcia:

La dictadura militar argentina iniciada en 1976 tuvo un blanco preciso: **el cuerpo**. Los cuerpos individuales tanto como el cuerpo de la población toda fueron el objeto privilegiado de las estrategias político-militares desplegadas por las Fuerzas Armadas; prueba de ello es que aun en la actualidad se continúa discutiendo sobre cuerpos desaparecidos, cuerpos torturados, etc. El cuerpo es aquello que en la Argentina actual retorna porque, al haber funcionado como superficie de inscripción, también se reveló como memoria viva, como fuego encendido. No una memoria fiel y transparente, sino al modo de un geoglifo, código de un territorio que lleva inscripto sobre sí las huellas del combate que hoy es historia. (GARCIA, 2000, p. 11-12).

Contudo, ainda na visão de Garcia (2000, p. 190), que dialoga com a perspectiva foucaultiana, o corpo também vai encontrando "fissuras, rachaduras, linhas de fuga na trama", bem como os "dispositivos caducam e vão ficando obsoletos".

Dessa forma, a memória dos *tempos sombrios* em *Ciencias morales*, distante de permanecer na escala dos acontecimentos da última ditadura argentina, por ser trabalhada artisticamente de maneira crítica, ela também permeia a memória corporal. Como se o período ditatorial e as políticas do corpo não pudessem ser pensados apenas de maneira isolada, e sim enquanto confluências e disseminações de uma longa trajetória de colonização, exploração, opressão (e por que não normatização e/ou **domesticação**, como diria Sloterdijk?) iniciadas a mais de quinhentos anos. Em outras palavras, a política corporal difundida durante a ditadura militar argentina foi o ápice de *micropolíticas* que já estavam penetradas nos subterrâneos das relações de poder do país, da própria história e desenvolvimento da América Latina.

A narrativa de Kohan, por meio de "desconstruções" da memória e do corpo, esses que se encontram atravessados também pelos discursos hegemônicos e homogêneos, busca, juntamente, dar visibilidade aos funcionamentos de diversos mecanismos e sistemas, bem como às sutilezas e seduções do poder. Nas palavras de Deleuze, em *Foucault*:

Em suma, o poder não tem homogeneidade; define-se por singularidade, pelos pontos singulares por onde passa. [...] Uma das ideias essenciais de *Vigiar e Punir* é que as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades "disciplinares", mas a disciplina não pode ser identificada com

uma instituição nem com um aparelho, exatamente porque ela é um tipo de poder, uma tecnologia, que atravessa todas as espécies de aparelhos e instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo. (DELEUZE, 2011, p. 35).

Nesse sentido, a narrativa se transforma em questionadora, interrogadora do passado histórico, desmascarando o cotidiano e denunciando a indiferença e a cumplicidade, provocando o *olhar normatizado* “que mira y no ve”, que, nas palavras de Hannah Arendt, o totalitarismo sempre sobrevive com outras faces, e que frente a isso, o pensamento analítico e crítico devem ser sempre revigorados. Pois, para Deleuze: “O poder “produz realidade”, antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou de mascarar.” (DELEUZE, 2011, p. 38).

Se pelo conhecimento, educação, saber-poder é que se normatiza, nos termos de Sloterdijk (2002) “domestica” sujeitos, também é por meio do conhecimento e da educação crítica que será possível encontrarmos outras perspectivas para pensarmos os problemas atuais e rompermos algumas dessas cadeias que aprisionam os corpos e as mentes. O estado não é algo plenamente *responsabilizável*, pois existe sempre a possibilidade de recuperar e (re)valorizar a capacidade crítica-analítica.

A partir da leitura de Hannah Arendt (1999), podemos refletir que a *banalização do mal* não se difunde apenas em períodos totalitários, mas toda vez que a cultura e a educação são direcionadas ao ápice que converge para o enfraquecimento da consciência crítica, e o “esvaziamento moral”, que impossibilita qualquer compromisso e responsabilidade ética-política.

Desse modo, a narrativa literária, também outras narrativas, podem ser formas de se pensar e interrogar o passado histórico e a memória, para que os *tempos sombrios* não permaneçam apenas no plano da lembrança, ou do ressentimento, mas possam ser compreendidos de maneira crítica e analítica, tornando-se gestos que os impeçam que aconteçam novamente. Na reflexão de Arendt:

Aquele que diz o que é [...] sempre narra uma estória, e nessa estória os fatos particulares perdem sua contingência e adquirem algum sentido humanamente compreensível. É perfeitamente verdadeiro que ‘todas as desgraças podem ser suportadas se você as colocar em uma estória ou narrar uma estória a respeito delas’, nas palavras de Isak Dinesen [...]. Ela poderia ter acrescentado que também a alegria e a felicidade somente se tornam compreensíveis e significativas para os homens quando eles podem falar acerca delas e contá-las em forma de uma estória. Na medida em que o contador da verdade dos fatos é também um contador de estórias, ele efetiva aquela ‘reconciliação com a realidade’. (ARENDT, 2011, p. 323).

A obra *Ciencias morales* foi levada ao cinema argentino, em 2010, pelo cineasta Diego Lerman sob o título ***La mirada invisible*** (*O olhar invisível*). O filme foi acompanhado pelo autor da obra, mas que deu total liberdade para o cineasta durante o percurso trans-criativo. Martín Kohan até arriscou fazer uma ponta em uma das cenas, ou seja: é o autor “face a face” com a sua criação e os *fantasmas*, os *espectros* de uma das mais cruéis ditaduras da América Latina. Tanto o filme quanto o romance exploram as sutilezas de um poder que se estabelece em rede e a captura começa pelo corpo, que delineiam a agudeza do discurso artístico de ambas as narrativas, fílmica e literária, sobre um autoritarismo que se diluiu entre as mais diversas camadas sociais, infiltrando-se nos corpos e nas relações interpessoais, sociais, históricas e culturais. Por isso, é nesse sentido

que os anos obscuros e violentos, vivenciados pela Argentina entre 70-80, ainda permanecem vivos na memória, desde os familiares que buscam por seus desaparecidos até pela sociedade que, passado os tempos de redemocratização, continuam em vigília em prol de uma democracia mais justa e à contrapelo de uma história de opressão e seus possíveis retornos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém* – um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Entre o Passado e o Futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASTRO, Edgardo. *Diccionario Foucault: temas, conceptos y autores*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

FANLO, Luis García. *Genealogía de la Argentinidad*. Buenos Aires: Gran Aldea, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Em defesa da sociedade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.

GARCIA, Agnaldo. *Um diálogo entre Foucault e o Marxismo: Caminhos e Descaminhos*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/aulas/pdf3/08.pdf>>. 2007. Acesso em: 25/05/2011.

GARCIA, Raul. *El archivo del occidente: Recorrido por la arqueología foucaultiana*. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

_____. *Micropolíticas del cuerpo. De la conquista de América a la última dictadura militar*. Buenos Aires: Biblos, 2000.

KOHAN, Martín. *Ciencias morales*. Barcelona: Anagrama, 2007.

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Madrid: Arena Libros, 2003.

REVEL, Judith. *Foucault – conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROMERO, Luiz. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

ⁱ Era como os componentes do autoritarismo denominavam o seu “sistema político”.

ⁱⁱ Disponível em: <http://www.clarin.com/espectaculos/cine/Premios-Habana.html>.

ⁱⁱⁱ Disponível em: <http://habiaunavezunachica.blogspot.com.br/2010/09/diseccionando-la-mirada-invisible-con.html>.